



Willa
A GAROTA DA
floresta

ROBERT BEATTY

MOVA-SE SEM FAZER BARULHO.
DESAPAREÇA SEM DEIXAR VESTÍGIOS.

Willa
A GAROTA DA
floresta

ROBERT BEATTY

MOVA-SE SEM FAZER BARULHO.
DESAPAREÇA SEM DEIXAR VESTÍGIOS.

TRADUÇÃO: MONIQUE D'ORAZIO





*W*illa andava rápido e se escondendo pela floresta escura, seguia o leve cheiro de fumaça de chaminé que pairava no ar da meia-noite. Os fios prateados das nuvens que passavam na frente da Lua sombreavam os seus movimentos, e ela fazia pouco barulho ao pisar nas folhas frias e úmidas que sentia sob os pés descalços. Durante toda a noite, Willa desceu a encosta da montanha para o pequeno vale onde viviam os colonos. Quando alcançou a margem rochosa do rio, sabia que estava perto do local que havia sido o motivo da sua jornada.

Não conhecia as condições do rio naquele lugar, então evitou as correntes escuras e perigosas e subiu nos galhos retorcidos das velhas árvores inclinadas, pedindo a ajuda delas. Quando os galhos se estenderam sobre a água para segurá-la, chacoalharam com o vento, conversando entre si, como se estivessem preocupados com o rumo que ela estava seguindo. Sua capa de palha trançada se dobrava com os movimentos de seu corpo enquanto ela subia, os galhos das árvores seguravam-na suavemente, entrelaçando seu pulso e braço, tornozelo e perna, e depois se desenrolando, ajudando-a a atravessar. Ela atravessou passo a passo acima da névoa do rio, e então deslizou por um tronco do outro lado.

— Obrigada — sussurrou para as árvores, tocando a casca de uma delas com a palma da mão ao deixá-las para trás.

Passando por um trecho de águas tranquilas e iluminadas pelas estrelas, entre as pedras na beira do rio, ela vislumbrou seu reflexo: uma mudinha de salgueiro de 12 anos, uma garota da floresta com cabelos longos e escuros, o rosto redondo de pele listrada e manchada, e olhos verde-esmeralda. Ao contrário da maioria de seu clã, que cobiçava os tesouros brilhantes de seus inimigos e até usava as roupas de seus mortos, Willa não usava nenhum tecido ou joia de qualquer tipo que pudesse brilhar na escuridão. Aonde quer que fosse na floresta, sua pele, seu cabelo e seus olhos assumiam a cor e a aparência das folhas verdes ao redor. Se ela parava perto do tronco de uma árvore, sua pele se tornava tão marrom e cascuda que ficava quase invisível. E agora, ao olhar para seu reflexo, viu seu rosto por apenas um segundo antes que ele assumisse a mesma cor da água e do céu noturno acima dela e sua imagem desaparecesse, suas bochechas se tornaram azul-escuras pontilhadas de estrelas reluzentes.

Seguindo na direção do que tinha vindo buscar, Willa se moveu bem abaixada e em silêncio por entre os arbustos da montanha, subindo a encosta ao lado do rio, seu coração batendo lento à medida que ela se aproximava da toca dos colonos.

Vinha de um clã de pessoas da floresta que os índios Cherokees chamavam de “os antigos” e sobre quem contavam histórias ao redor das fogueiras à noite. Os colonos de pele branca se referiam à sua espécie como *ladrões noturnos*, ou às vezes *espíritos noturnos*, embora ela fosse de carne e osso como um cervo, uma raposa ou qualquer outra criatura da floresta. Contudo, era raro ouvir o verdadeiro nome de seu povo. Na língua antiga — que agora ela só falava com a avó —, seu povo era chamado Faeran.

Willa parou no limite da floresta e misturou sua pele às texturas verdes que a cercavam. Ramos de folhas se enrolaram nela como tentáculos, o que a tornou praticamente invisível.

Os sons suaves dos insetos e sapos noturnos a cercaram, mas ela permaneceu alerta, desconfiada de cães com olhos redondos, de vigias escondidos e de outros perigos.

Olhou em direção à toca dos colonos. Eles a haviam construído com as árvores assassinadas e pregadas umas às outras em longas placas. Os corpos das árvores mortas formavam paredes retas com cantos quadrados, ao contrário de qualquer outra coisa na floresta.

Apenas pegue o que você veio buscar, Willa — disse a si mesma.

A toca tinha um telhado alto e inclinado, uma grande varanda cercada até a frente, com uma chaminé feita de rocha que os colonos haviam quebrado dos ossos do rio. Ela não viu lâmparinas a óleo ou velas nas janelas, mas sabia, pela fina linha de fumaça cinzenta saindo da chaminé, que os colonos — a quem ela às vezes chamava de *povo do dia*, porque se recolhiam em suas tocas quando o sol se punha — provavelmente estivessem dormindo em suas camas compridas, planas e bem macias.

Sabia, por experiência própria, que os colonos naquela área travavam as portas das tocas à noite, por isso Willa precisava ser esperta. Entrar por uma janela? Descer pela chaminé? Estudou a toca por um longo tempo, procurando uma maneira de entrar. E então ela viu. Na parte de baixo da porta da frente, o dono da toca havia construído uma porta menor para seu animal de estimação entrar e sair. E esse foi o erro do colono.

O coração de Willa começou a bater forte, pois seu corpo sabia que a hora havia chegado, as folhas ao seu redor se desenrolaram de sua volta. Ela saiu da proteção da floresta e disparou com velocidade pela área com grama aberta que cercava a toca, odiava áreas abertas. Suas pernas pareciam estranhas e desiguais enquanto ela corria pelo chão estranhamente reto. Subiu correndo os degraus da varanda de madeira. Em seguida, deslizou sobre as mãos e os joelhos, empurrou a pequena porta e engatinhou para dentro da toca escura para começar o assalto noturno.



Uma vez dentro da toca, Willa saiu correndo do alcance da luz do luar que atravessava a janela. Ela se agachou no canto escuro ao lado do lugar de comer, os pequenos espinhos da nuca se arrepiando enquanto seus olhos examinavam a escuridão em busca de perigo.

Onde está o cachorro que morde? — ela se perguntou. Será que o povo do dia está todo lá em cima, nas camas?

Prendendo a respiração, Willa deslizou pelo chão e olhou para o espaço principal da toca, em busca de agressores.

Esperou, observou e ouviu.

Se a pegassem dentro da toca, eles a matariam. Eles haviam cortado as árvores da floresta e caçado animais. Havia assassinado sua mãe, seu pai, sua irmã gêmea e muitos outros da toca do Recôncavo Morto. O povo do dia não pensava. Não hesitava. Quer fossem os lobos que uivassem para encontrar seus entes queridos durante a noite, quer fossem as grandes árvores que erguiam seus galhos ao sol, o povo do dia matava tudo o que não entendia. E eles entendiam muito pouco da floresta que os rodeava.

Enquanto ela respirava lenta e firmemente, num controle preciso, ouviu o som da pequena máquina de metal tiquetaqueando na lareira e os lentos assobios das brasas moribundas que a haviam guiado até a toca.

O cheiro de algo surpreendentemente doce atingiu seu nariz. Tentou ignorar, mas o estômago roncou. Ela se virou para ver uma vasilha redonda em forma de pedra sobre uma superfície plana de madeira acima dela. Willa sabia que não deveria deixar que isso a distraísse, mas tinha passado o dia e a noite anteriores com muita fome.

Levantou-se com rapidez, ergueu a tampa do objeto e engoliu vários dos pequenos pedaços quebradiços que havia ali dentro como um roedor faminto. Quando sua boca se encheu de água por causa do sabor doce, ela não pôde evitar sorrir, mas teve o cuidado de não deixar migalhas que o povo do dia pudesse notar. Queria comer mais daquelas bolotas, mas enfiou metade do que restou em sua sacola e saiu correndo.

Quando ela entrou na sala principal, notou um retângulo de lata com uma imagem manchada de várias pessoas do povo do dia, como se tivessem olhado para o próprio reflexo no rio e nunca conseguido escapar: um homem barbeado, uma mulher de cabelos escuros, dois pequeninos de talvez 5 e 6 anos, e um bebê que ainda engatinhava nos braços da mulher. Mas Willa não olhou para eles por muito tempo, não gostava de pensar em suas almas dentro do metal.

Pegue o que veio buscar — ela voltou a dizer para si mesma, e continuou.

Olhando com nervosismo para a escada, enquanto seguia com pressa, procurou objetos de valor na sala principal. Encontrou uma pequena caixa de madeira cheia de uma substância úmida e marrom que tinha certeza de que era tabaco de mascar. Ela enfiou metade na sacola. Não era o tipo de furto que a animava, mas sabia que o padaran, o líder de seu clã, ficaria satisfeito com aquele presente especial. Ela podia se ver parada diante da figura tão poderosa, cujos olhos brilhavam de aprovação, enquanto esvaziava o conteúdo aos seus pés.

Sentindo-se satisfeita consigo mesma, ela continuou. Em uma sala muito pequena e bem fechada de todos os lados, cheia de roupas penduradas em estranhas formas, ela encontrou um casaco longo e escuro com uma carteira de couro e moedas nos bolsos e sorriu. Pegou metade

das notas e metade das moedas. Aqueles eram os ganhos que o padaran a treinara para encontrar.

O padaran ordenava que ela e os outros jaetters — os jovens caçadores-ladrões do clã — saíssem todas as noites, e ele dava seu amor para aqueles que voltavam com as sacolas cheias de moedas ou qualquer outra coisa de valor.

Olhou novamente para a escada, sabendo que quando o perigo chegasse viria por aqueles degraus. Já havia conseguido uma boa soma de coisas e sabia que um jaetter sensato iria embora quando o momento para a partida era favorável, mas ela queria mais.

Quando retornara ao Recôncavo Morto na noite anterior, sua sacola estava leve; o padaran havia batido em seu rosto com as costas da mão e Willa tinha caído no chão, surpresa e envergonhada de estar limpando o sangue da boca. Nos últimos meses, ela achara que tinha se tornado a favorita dele, mas agora ele bateu nela, como o fizera com os outros jaetters, e ela ainda sentia o fogo ardendo na bochecha. Naquela noite, ela queria mais, mais do que já havia conseguido antes, para provar ao padaran e ao resto do clã do que ela era capaz.

Por fim, Willa foi até o pé da escada, colocou as mãos atrás das orelhas e fechou os olhos, prestando atenção para ver se havia ruídos nos quartos do andar superior. Ouviu um homem roncando, e provavelmente havia outros do povo do dia lá também, um pequeno grupo deles, dormindo noite adentro.

Mas onde está o cachorro? — ela se perguntou de novo. *O cachorro é morte.* Ela já tivera problemas com as feras com presas antes, com seus latidos altos e ataques ferozes que deixavam arranhões. *Posso sentir o cheiro da criatura miserável por aqui em algum lugar* — ela pensou. *Usei a porta dele para entrar, mas onde ele está? Por que não veio atrás de mim com seus dentes prontos para dar o bote?*

A maioria de seus colegas jaetters roubava coisas de carroças quando ninguém estava olhando, de pátios à meia-noite e de celeiros em manhãs escuras quando não havia ninguém do povo do dia por perto. Pouquíssimos ousavam se esgueirar para dentro das tocas do povo do dia, e não o faziam enquanto alguém estivesse dentro desses lugares. Os jaetters haviam sido treinados para sair juntos em pequenos grupos e nunca

correr tais riscos. Mas ela colocou o pé no primeiro degrau e começou a rastejar escada acima, pisando o mais leve que conseguia nas superfícies estranhamente planas, tão diferentes de tudo que havia na floresta.

Quando alcançou o topo da escada, suas pernas tremiam conforme ia avançando devagar por um túnel estreito e em forma de caverna, em direção à porta aberta do primeiro cômodo. Na floresta, poderia usar sua camuflagem e seus outros poderes, mas eles não funcionavam no mundo interior do povo do dia. Ali, ela poderia ser vista, poderia ser capturada, poderia ser morta.

As palmas de suas mãos suavam enquanto ela espiava devagar o quarto do homem adormecido.

Havia notado, nas outras invasões, que o povo do dia parecia dormir em duplas. Mas aquele homem dormia sozinho, em um lado da cama grande, como se aquela com quem ele dormia tivesse partido. Mas ali ao lado dele encontrou o cão mordedor que procurava — um demônio peludo preto e branco, dormindo profundamente ao lado de seu mestre, as presas brancas e as garras afiadas visíveis ao luar.

O rosto do homem tinha bigode e ele estava deitado em cima das cobertas, as roupas rasgadas e amarrotadas, como se tivesse desmaiado de exaustão. Uma cadeira, uma mesinha e outras coisas do povo do dia estavam jogadas no chão como se tivesse acontecido algum tipo de briga. Havia um ferimento na cabeça do homem e um emaranhado de sangue seco no ombro do cachorro.

Vendo o sangue, o coração de Willa bateu forte no peito e ela engoliu em seco. Será que tinham atacado um dos animais da floresta e travado uma luta?

Mas então ela franziu a testa confusa. Se tivessem lutado contra algo na floresta, isso não explicaria os móveis derrubados naquele cômodo.

E então ela viu. Ali na cama, ao lado do homem e de seu cachorro, havia um longo pedaço de metal com um cabo de madeira e o que pareciam ser dois canos de ferro lado a lado.

Aquilo é um bastão de matar — ela pensou — *bem ali ao lado deles.* Willa prendeu a respiração irregular e instável e lutou contra a vontade urgente de fugir.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA



**ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM MAIO DE 2021**

